

PTB, dividido, ainda não sabe a quem apoiar

MARIA ROSA COSTA

A 20 dias da convenção do PTB que decidirá sua entrada na disputa presidencial, o partido, há pouco tempo cortejado apenas pelo Governo, está literalmente dividido.

Os brizolistas, capitaneados pelo próprio candidato, já se sentem donos da legenda. Os janistas insistem em retornar à fórmula de 1984, quando o PTB elegeu o prefeito de São Paulo. O senador Affonso Camargo (PR), candidato petebista à Presidência da República desde setembro do ano passado, vai manter sua candidatura. E até o Palácio do Planalto começa a se mexer para não perder seu auxiliar de todas as horas exatamente para Leonel Brizola: pode haver substituição de petebistas nos cargos públicos federais, se o acordo PTB e PDT der certo.

O presidente do PTB, Paiva Muniz, é o presidente da Datamec, empresa de processamento de dados da Caixa Econômica Federal. Muniz diz que aceitou um convite pessoal e não político para ocupar o cargo. Diferença esta que deixa de existir quando os aliados mais fiéis do Governo resolvem cobiçar este ou aquele posto. Ele ouviu do presidente Sarney a informação de que não vai interferir no processo sucessório. Resta saber se os moderados aceitam essa posição.

"O PTB tem plena liberdade para tomar suas decisões, sem que isto afete seu relacionamento com o governo", confia Paiva Muniz.

Nesta semana, Muniz volta a se encontrar com o presidente do PDT, Doutel de Andrade, e o líder Vivaldo Barbosa, para adiantarem os termos da coligação. A decisão final, porém, dependerá dos 143 convencionais, donos de 208 votos na convenção de 11 de junho. É sobre eles que vêm sendo feitos os apelos de Camargo, Brizola e Jânio. O senador confia no trabalho "corpo-a-corpo" feito até aqui. Daqui para frente, os contatos continuarão por telefone. Ele rejeita qualquer tese de unificar o trabalhismo quando acredita — o que existe mesmo é a vontade de se aliar a um candidato forte, da parte de alguns petebistas.

"Isto é conversa fiada, Brizola nunca fez trabalhismo. Ele só sabe fazer o brizolismo. Os que estão querendo aderir à sua campanha demonstram unicamente a visão imediatista em cima dos números das pesquisas", argumenta Camargo.

O líder do PTB na Câmara, Gastone Righi, confessa que deixou de lado até mesmo a "profunda afeição" que o unia a Jânio, para ter um trabalhismo unificado no País. Ele entende que Affonso Camargo quer disputar "apenas para ser o lanterninha. Vai terminar atrás do Roberto Freire", dispara. Righi tem certas dúvidas se Brizola agirá ou não como Jânio, que deu um adeus ao partido logo que confirmada sua vitória nas urnas. "Pode ser. Eu espero que não faça. Mas se quiser que assim ocorra fará tudo impunemente, graças à legislação eleitoral que permite todos os tipos de infidelidade. Só posso esperar e desejar que ele aja diferente", afirmou. O líder está coletando as assinaturas para levar o nome

de Brizola à Convenção, conseguindo 70 delas em apenas uma semana. E necessária a maioria absoluta — 105 votos — para que isso ocorra.

Os pedetistas trabalham como loucos para formar a aliança, de olho, principalmente, nos 10 minutos diários a mais que Brizola teria para falar aos eleitores. A dificuldade maior, porém, como reconhece o líder Vivaldo Barbosa, está na fórmula de como apaziguar os ânimos do principal candidato a vice, o deputado Fernando Lyra.

Nem mesmo a garantia de Brizola de que terá o sindicalista Luís Antônio Medeiros como vice, feita em São Paulo, tranquiliza o líder, que aponta outros pretendentes ao cargo: os ex-governadores Roberto Magalhães, de Pernambuco, e Luiz Gonzaga, do Ceará. Se depender dele, a questão vice ficará adiada o máximo possível, para evitar rachas dentro do próprio PDT.

Os petebistas perguntam-se sobretudo o que fará Leonel Brizola como presidente da República. O senador Carlos Alberto (RN) acha prematuro dar a coligação como certa. Sua principal dúvida é quanto ao programa de governo de Brizola, "que ninguém conhece, nem ele próprio", diz, sem esconder o receio de que o estilo Jânio volte com força total. Desta vez, graças ao estilo "caudilhesco e de político profissional" de Brizola.

Carlos Alberto e Gastone concordam que a vitória de Carlos Menem na Argentina, revivendo o estilo de Juan Domingo Perón, tornou mais urgente a fusão das duas legendas. O líder petebista acha que a união agora "tem um gosto de batalha, de uma coisa suada". Ele garante que o PDT nunca conseguiu se livrar da força do trabalhismo, ficando meio perdido sem poder usar abertamente este apelo. "O tal de socialismo moreno nasceu de vozes isoladas que queriam ocupar espaço", garante ele.

O certo é que este sistema de governo — que ninguém realmente chegou a saber do que se tratar, não foi dito nenhuma vez por Brizola. O candidato — segundo um de seus assessores mais próximos, terá tudo o que sempre sonhou se conseguir chegar ao rádio e à televisão tendo a bandeira do PTB ao lado e o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, Luís Antônio Medeiros, de outro. Haja visto que quando ainda estava de bem com Ivete Vargas, ele declarou: "Para ser forte no Brasil, um partido tem que ser forte em São Paulo", sem que ele jamais tenha escondido o desprazer que lhe dava ser representado apenas por nomes sem muita expressão naquele estado.

O "efeito Menem" — e a consequente busca dos líderes do passado — também animou Brizola, a ponto dele passar quase 10 dias sem disparar nenhuma afronta contra o candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva.

Hoje, em São Paulo, Gastone Righi volta a se encontrar com seus velhos aliados janistas. A maioria inconsolável com o que julgam ser uma demonstração de desprezo a Jânio Quadros. Caso eles tenham êxito, Jânio retornará ao partido pela quinta vez — o que não deixa de ser um recorde difícil de superar.